

## EDITORIAL

## BRASIL, O PAÍS DO JEITINHO E DA GAMBIARA NACIONAL

## BRAZIL, THE COUNTRY OF 'JEITINHO" AND NATIONAL IMPROVISATION

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2022.v14.16195>

No Brasil, estamos acostumados a improvisar. Permanentemente, damos “um jeitinho”, buscamos alternativas na política, nas vidas, nas moradias. Este número de **albuquerque: revista de história** trata do design em suas múltiplas perspectivas, mas principalmente do design social. Em sua raiz, o conceito de design refere-se à criação de objetos, ambientes, obras funcionais e estéticas que acompanhem as demandas do capitalismo e da produção industrial. No Brasil, inicialmente, essa disciplina foi chamada de desenho industrial. Enquanto o design industrial busca a melhoria da aparência do produto com vistas a agradar o consumidor por meio de formas, cores e ornamentações, o design social é uma ferramenta para a construção de um mundo mais inclusivo, pensado em suas dimensões social, cultural, ecológica e de sustentabilidade.

Oroza, designer cubano, desenvolveu o conceito de desobediência tecnológica, a partir do qual investigou as soluções criativas que a população cubana encontrou depois que perdeu a ajuda da extinta União Soviética. Para Oroza, essas soluções passavam por reaproveitamentos, customizações e repropósito de objetos e produtos industriais que garantiriam uma vida útil mais longa a esses produtos. O Designer chamou isso de desobediência tecnológica: a desconstrução da percepção dos produtos industriais como unidades “fechadas” e a transcendência dos usos concebidos por seus fabricantes. O termo pode ser entendido também como uma gambiarra, ou seja:

Formas de improvisação: adaptações, adequações, ajustes, consertos, reparos, encaixes, emendas, remendos, inventos inteiros, engenhocas, geringonças. (...) o termo gambiarra recebe também conotações positivas. Acompanhando um momento de mudança na maneira como alguns pensadores e a própria população brasileira têm enxergado sua cultura e identidade, o termo gambiarra tem sido remetido à ideia do pronunciado “jeitinho brasileiro”, numa visão que busca enfatizar em seu próprio povo, uma propensão ao espírito criativo, à capacidade inventiva e inovadora, à inteligência e dinâmica da cultura popular; levando em consideração a conjuntura de adversidades e vicissitudes às quais todos nós (muitos evidentemente mais) estamos expostos, entendendo-a como uma prática que se aproxima de conceitos como reutilização/reciclagem ou bricolagem. (BOUFLEUR, 2006, p. 8).

Nas comunidades periféricas que formam o país podemos observar a utilização dessas técnicas do design social como solução para a melhoria da qualidade de vida desses sujeitos. Podemos destacar a criação de telhados verdes, a exemplo daqueles da comunidade Parque das Araras, na Zona Norte do Rio de Janeiro. O objetivo do projeto era simples: transformar os telhados das casas em jardins que poderiam diminuir a temperatura interna dos lares e tornar o lugar mais aprazível para viver. Podemos citar a reciclagem de pneus que se transformam em vasos para plantas, cadeiras, balanços e outros objetos utilizados no cotidiano das comunidades, ou, os tambores de óleo utilizados como mesas de apoio, letreiros das barbearias e para armazenar água da chuva. Ou seja, podemos citar uma série de rearranjos e repositagens que os sujeitos, individual e coletivamente seguem realizando em seus cotidianos com vistas a transformar positivamente os lugares que habitam, a tornar mais significativa a experiência urbana.

No dossiê deste número Pamela Cordeiro Marques Corrêa, Marisa Cobbe Maass, Gustavo Cossio, Rita Almendra, André Carvalho, Bruna Carmona Bonifácio, Ronaldo de Oliveira Corrêa, André Matias Carneiro, Maria Regina Álvares Correia Dias, Marcelina das Graças, kando Fukushima e Germana Gonçalves de Araujo se dedicaram a escrever textos nos quais refletem sobre a história do design social no Brasil, o design espontâneo periférico, o papel do design gráfico durante a ditadura recente deste país, os cartazes de protesto no contexto da pandemia de COVID-19, os diálogos e tensionamentos entre margem e centro, as tensões e negociações entre o hegemônico e o contra-hegemônico, os aspectos estéticos da produção das/nas cidades.

As pessoas podem, ainda, ler o artigo de Lucas Alves de Oliveira, Ronaldo de Oliveira Corrêa e Ana Cândida Franceschini de Avela sobre a exposição **Artists Against Aids – For Housing**, de 1991, e as resenhas de Jéssica Ferreira Alves, Gabriel Marques e Eduardo Martins das obras **Ney Matogrosso... Para além do Bustiê**, **Ismail Xavier: um pensador do cinema brasileiro** e **Territorialidades camponesas no Noroeste do Paraná**.

Agradecemos às pessoas que destinaram seus textos para publicação em **albuquerque: revista de história**, àquelas que dedicaram parte de seu tempo e de suas energias para manter esta publicação funcionando, a vocês, pela leitura e pela divulgação do conhecimento.

Esperamos que apreciem os textos. Esperamos, também, que as cidades e os espaços comportem melhor as diferentes pessoas que nelas/neles habitam ou que as/os ocupam momentaneamente.

Boa leitura.

As pessoas editoras.

## Referências

BOUFLEUR, Rodrigo. **A questão da gambiarra**: formas alternativas de desenvolver artefatos e suas relações com o design de produtos. Dissertação (Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-24042007-150223/publico/AQuestadaGambiarraCorreto.pdf>. Acesso em 3 jul. 2022.